Discurso de ódio política digital: o caso de Duda Salabert nas eleições de Belo Horizonte (2024) [1]

Isabella Mudesto Dias Costa [2]

Jules Strogoff de Castro Matos [3]

Palavras-chave: Comunicação; Política; Gênero; Plataformização; Representatividade

Introdução

Em 2024, o ambiente político brasileiro foi marcado por discursos de ódio nas plataformas digitais, especialmente contra candidatas mulheres. No caso de Duda Salabert (PDT), candidata à Prefeitura de Belo Horizonte, o estudo identificou 66 comentários ofensivos no YouTube após o debate da TV Band, em 8 de agosto. Expressões como “traveco”, “bicho” e “homem vestido de mulher” foram usadas para negar sua identidade, enquanto termos como “pilantra”, “feia” e “vergonha” buscaram desqualificar sua imagem pública e reduzir sua atuação política a estereótipos.

Essas manifestações evidenciam como a violência simbólica desumaniza mulheres que desafiam normas de gênero e reforça práticas excludentes no ambiente digital. O cenário eleitoral de 2024 confirma essa desigualdade: embora as mulheres representem 52,7% do eleitorado, apenas 15,5% das prefeituras foram ocupadas por elas, revelando a persistência de uma estrutura política conservadora e pouco aberta à diversidade.Diante desse contexto, o presente artigo investiga o discurso de ódio direcionado a Duda Salabert durante sua campanha eleitoral em 2024. A análise

[1] Trabalho apresentado no ET5 Diversidade, desigualdades e vulnerabilidades do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

[2] Doutoranda e Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) e Graduada em Comunicação Social– Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: dias.isabella@estudante.ufjf.br

[3] Mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) e Graduada em Comunicação Social– Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: julesstrogoffufjf@gmail.com

baseia-se em 66 comentários coletados no YouTube após o debate da TV Band, transmitido em 8 de agosto de 2024. A partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) e do conceito de microagressões (Pierce, 1969; 1970, apud Silva, 2020), a pesquisa busca compreender como as manifestações discriminatórias se estruturam no ambiente digital. Os resultados evidenciam um padrão de hostilidade atravessado por marcadores sociais como gênero, aparência e moralidade, demonstrando que o discurso de ódio não apenas desqualifica candidaturas femininas, mas reforça a marginalização de mulheres trans na política brasileira.

2 Plataformas digitais e representatividade na esfera pública

As plataformas digitais ocupam papel central na reconfiguração da esfera pública contemporânea, mas também atualizam lógicas de dominação históricas. Desde sua origem, as tecnologias digitais não operam de forma neutra: refletem valores e desigualdades do contexto que as produz, resultando em sistemas enviesados que reforçam práticas discriminatórias (Haraway, 2019; Morozov, 2017; Zuboff, 2020; Silva, 2020a). Como destaca Silva (2020a), os processos de desenvolvimento e programação incorporam estruturas de poder que se manifestam em violências materiais e simbólicas. Reconhecer essas dinâmicas é essencial para promover justiça e transformação social (Lorde, 2019).

As redes sociais, portanto, funcionam tanto como espaços de opressão quanto de resistência. Haraway (2019) argumenta que, ao ampliar a esfera pública, elas abrem caminhos para que mulheres expressem pautas e desafiem a ordem patriarcal. Nesse contexto, a literacia midiática torna-se instrumento de sociabilidade e ação política. A teoria da ação comunicativa de Habermas (1997) ajuda a compreender a disputa de sentidos no debate público, mediado pela tecnologia. Oliveira e Fernandes (2017) definem a internet como espaço híbrido, onde mundo sistêmico e mundo da vida se interpenetram, permitindo a circulação de discursos que tanto reproduzem quanto tensionam desigualdades sociais. Assim, analisar as microagressões digitais revela a persistência das violências estruturais e os embates simbólicos que moldam a presença das mulheres na política.

3 Gênero, identidade e lugares de poder

A ideia de que certos espaços "não são lugar de mulher" ainda atravessa a sociedade, mesmo após avanços nas lutas por igualdade. A divisão simbólica entre o público e o privado historicamente associou os homens ao poder e às decisões, relegando as mulheres à esfera doméstica e ao cuidado. Essa lógica patriarcal permanece visível em estigmas, microagressões e barreiras simbólicas que dificultam o acesso das mulheres a posições de liderança, especialmente na política.

Simone de Beauvoir (1949) afirma que o lugar da mulher não é definido pela biologia, mas pelas construções culturais que a tornam "o outro", subordinado ao masculino. Ana Colling (2004) reforça essa visão ao compreender o gênero como uma construção social e histórica, moldada por instituições como a família, a escola e os meios de comunicação. Essas estruturas reproduzem normas de comportamento e expectativas que naturalizam desigualdades e limitam a atuação feminina.

Compreender o gênero como construção social e interseccional é fundamental para desnaturalizar os papéis impostos às mulheres e abrir caminho para novas formas de presença e protagonismo nos espaços de poder.

4. Análise de Conteúdo

O estudo analisa manifestações de discurso de ódio direcionadas à candidata Duda Salabert (PDT) durante sua campanha à Prefeitura de Belo Horizonte em 2024. O corpus reúne 66 comentários ofensivos publicados no YouTube após o debate da TV Band, em 8 de agosto de 2024.

A metodologia segue a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) para identificar como práticas discriminatórias se manifestam no ambiente digital. A hipótese é que as plataformas funcionam como arenas de violência simbólica, nas quais identidades dissidentes, especialmente de mulheres trans, se tornam alvos preferenciais de ataques.

Os comentários analisados revelam que a hostilidade política se estrutura em torno da inferiorização moral, da transfobia e da deslegitimação de gênero, confirmando que a visibilidade digital amplifica práticas de exclusão e reproduz hierarquias históricas de poder.

Quadro 1 - Categorias de microagressões e sentidos do discurso de ódio

Categoria	**Exemplos de comentário**	**Descrição**	**Ocorrências**
Inferiorização/Desumanização	“Lixo”,”Bicho” “Vergonha” “Pilantra” "Só fala besteira." "Cada dia mais decadente." "Um projeto de gente."	Expressões que reduzem a candidata à condição de algo indigno, imoral ou não humano.	34
Transfobia	“Traveco”, “Homem vestido de mulher” "Nunca vai ser mulher." "Continua sendo homem."	Comentários que deslegitimam a identidade de gênero da candidata, reforçando narrativas transfóbicas.	29
Misoginia	“Feia”	Comentário que reforça estereótipos e juízos de valor sobre a aparência feminina como critério de legitimidade.	1
Etarismo	“Velha”, “menina”	Comentários que infantilizam ou desqualificam a candidata com base na idade ou em estereótipos de gênero.	2

***Fonte**: Elaboração própria (2025)*

Os resultados indicam que o discurso de ódio direcionado a Duda Salabert reflete uma estrutura de poder excludente, onde a identidade de gênero é usada como estratégia de desqualificação política. As microagressões funcionam como expressões simbólicas da transfobia e do sexismo, reproduzindo no ambiente digital as barreiras que historicamente afastam mulheres, especialmente trans, da esfera pública.

5. Considerações Finais

A participação política das mulheres no Brasil ainda é marcada por dinâmicas históricas de opressão. Apesar de avanços, persistem barreiras estruturais que limitam seu acesso ao poder e mantêm a desigualdade de gênero nas esferas pública e privada (Bourdieu, 2002; Beauvoir, 1980). As plataformas digitais, antes vistas como espaços democráticos, tornaram-se ambientes onde o discurso de ódio e a intolerância se intensificam, sobretudo contra mulheres e minorias.

A análise da campanha de Duda Salabert (PDT) em 2024 mostra que o discurso de ódio se manifesta tanto em ataques explícitos quanto em microagressões sutis, que deslegitimam candidaturas e reforçam estereótipos de gênero e moralidade. Essas práticas revelam a urgência de enfrentar as violências simbólicas que atravessam o ambiente digital, de modo a construir uma esfera pública mais inclusiva e democrática, onde a presença feminina seja efetivamente reconhecida e valorizada.

Referências

ABOIM, Sofia. Do público e privado: uma perspectiva de género sobre uma perspectiva de género sobre uma dicotomia moderna dicotomia moderna. *Revista Estudos Feministas,* Florianópolis, v. 20, n.1, p.95-117, janeiro-abril, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BEAVOUIR, Simone. **O *segundo Sexo***: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUCHER, Taina. **If... then:** Algorithmic power and politics. Oxford University Press, 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOUCAULT, Michel. 1987. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel. Ramalhete. Petrópolis, Vozes.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HARAWAY, Donna. Ciborgues e simbiontes: viver junto na nova ordem mundial. **Revista ClimaCom, Coexistências e Cocriações**, v.8, n.20, p.1-17, 2021.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MOROZOV, Evgeny. Opposing the Exceptionalism of the Algorithm. In: VAN ES, Karin; SCHAEFER, Mirko Tobias (Ed.). **The datafied society**: studying culture through data. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2017.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of oppression**: how search engines reinforce racism. New York: NYU Press, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Ademir; *et al*. Eleições municipais: estratégias da candidata Margarida Salomão à Prefeitura de Juiz de Fora. **Revista Estudos Políticos**, v. 13, n. 25, p. 141-168, 2022.

VAN DIJCK, José. **The Culture of Connectivity:** A critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. **The Platform Society**: Public Values in a Connective World. Oxford: Oxford University Press, 2018.